

HOMENS E MULHERES BRASILEIRAS E A ORIENTAÇÃO DOS VALORES HUMANOS BÁSICOS

(2006)

Nilton Soares Formiga

Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba
Professor na mesma Universidade

Email:

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

Os estudos sobre gênero centram-se no papel de igualdade entre homem e mulher na sociedade; com as novas exigências ocorridas na sociedade em relação aos valores humanos vem repensando, em termos da orientação normativa dos sujeitos, o quanto na dinâmica das relações interpessoais homens e mulheres se diferenciam. Sendo os valores humanos como categorias de orientação consideradas como desejáveis baseadas nas necessidades humanas e pré-condições para satisfazê-las, adotadas por atores sociais, espera-se que homens e mulheres apresentem diferenças quanto as prioridades valorativas. 1033 sujeitos, de ambos os sexos e idades entre 11 e 74 anos, responderam o questionário dos Valores Humanos Básicos. Os homens priorizaram valores que caracterizem um individualismo, já as mulheres uma orientação coletivista. Parece ser que os valores entre homens e mulheres além de atender ao que é desejável na sociedade, também, oferece uma condição psicossocial valorativa destinada a cada gênero.

Palavras-chave: Valores humanos, gênero, diferenças

INTRODUÇÃO

O problema em diferenciar homens e mulheres, não é condição apenas da ciência humana e, especificamente, da psicologia, mas, praticamente, de toda a ciência em geral: da genética, antropologia a sociologia; obviamente, todas elas com seu grau de verdade no que diz respeito a diferenciação, bem como, seus limites. Porém, o fato não está em apenas apontar que existe concretamente uma diferença, mas, como é possível interpretar frente ao gênero, as escolhas, crenças, atitudes etc. que possa decidir considerando que tanto o mundo quanto sua dinâmica sócio-humana, não é destinado, se e somente se, o sujeito ser homem ou mulher, afinal a sociedade não foi e não é construída para uma dessas categorias, e muito, para satisfação também de um deles. Aponta-se em direção de uma condição em que homens e mulheres não se comportam ou são orientados a se comportarem a partir do vazio ou numa espécie de ponto de origem, mas, na dinâmica das relações interpessoais onde surgem início e fim, e início novamente, e sempre e sempre.

A pesar de ter os estudos a respeito desse tema desenvolvidos centrando-se no papel do homem e da mulher na sociedade, outros espaços científicos vem defender condições físicas para apontar as tais diferenças entre o gênero de forma concreta, por exemplo, a anatomia e fisiologia, porém, o esse fato, parece não ser suficiente para que se explique a conduta de ambos os gêneros, porque este está ligado tanto as disposições psicológicas, de feminilidade ou masculinidade, bem como, a construção social dessas categorias; paralelas as estes construtos, as novas exigências ocorridas na sociedade, principalmente, em relação as constantes mudanças dos valores culturais, práticas e papéis sociais ao longo do século XX, permitindo refletir em termos de uma maior conscientização psicossocial de que ambos os gêneros, mais significativamente, a mulher, deve e luta para inibir as desigualdades existentes entre eles (Fraisie, 1991; Radice, 1987), mas, especificamente, as estereotípias em termos das dimensões atitudinais afetivas destinadas as mulheres (ver Archier, 1996; D'Amorim, 1997).

Apesar de o gênero permitir evidenciar uma relação de poder permeado na sociedade, tal diferenciação, seja a partir desse poder ou disposição emocional e política, dos traços de personalidade ou de pressupostos da aprendizagem social (Expósito, Moya & Glick, 1996; Souza & Ferreira, 1997), não é possível considerar a existência desse fenômeno isoladamente, mas, unir-se a outros fatores, por exemplo, demográficos, das relações grupais, escolares, religiosos etc.; no caso as emoções, na busca da definição tanto diferença quanto observação de um maior conjunto dos processos discriminatórios, ligados ao contexto cultural, faz-se necessário a compreensão de como os significados subjetivos e coletivos de ambos os sexos são construídos para formar categorias de identidade (Borelli, 1998), principalmente, no que diz respeito aos valores que cada um desse gênero venha priorizar. Desta maneira, os valores humanos têm sido

um dos construtos teóricos que vem trazendo grandes respostas quanto aos problemas das condutas sociais, principalmente a partir da obra de Rokeach (1973), o qual considerou os valores de fundamental necessidade na explicação dos comportamentos das pessoas, sendo estes capazes de orientar tanto as escolhas quanto as atitudes humanas (ver Rokeach, 1979).

Quando se fala que uma pessoa tem valores, salienta-se uma *crença duradoura*, bem como, uma maneira de se comportar a qual pode ser preferida, no âmbito pessoal e social (Gusmão, Jesus, Gouveia, Júnior & Queiroga, 2001). Para compreender essas concepções é necessário considerar as seguintes questões sobre os valores: eles são estruturados no sistema psicológico, dando coerência a ação humana (Rokeach, 1973); podem, metaforicamente, ser tratados como um *termômetro social*, capaz de indicar o estado febril da sociedade, evitando assim certas convulsões (Formiga, Queiroga & Gouveia, 2001); os quais são derivados das experiências culturais e sociais, pois alguns vão sendo incorporados ao longo da socialização enquanto que outros são adquiridos sob condições específicas, principalmente através de episódios ou experiências relevantes na vida da pessoa. Esse construto também corresponde aos ideais normativos dos grupos sociais, entendidos, segundo Molpeceres, Llinares e Musitu (2000), como concepções que são partilhadas a partir da desejabilidade dos indivíduos, podendo gerar ou se manter quando satisfeito o interesse.

Desta forma, essas considerações podem ser atreladas a concepção que Kluckhohn (1951 / 1968) tem do ser humano. Para este autor o homem tem que ser e fazer parte de uma vida moral, pois sua condição única é *ser social*. Porém, a compreensão desta dimensão do ser humano só será possível ao considerá-lo como um todo auto-atualizado, o qual não dirige sua vida apenas para si mesmo, mas, centrando-se nas relações com os outros, tornando-se maduro a partir do reconhecimento de seus próprios valores e dos que regem as outras pessoas, fazendo com que quando satisfeito – física e psiquicamente – ele possa se mostrar coerente com sua própria atualização e experiência pessoal, evitando em contrapartida uma crise nos valores (Mosquera, 1975).

Com isso, a preocupação relacionada aos valores humanos não diz respeito apenas às contradições da clareza do conceito, conotações morais e existenciais nas quais se fundamentam (Gouveia, 1998; Tamayo & Schwartz, 1993) ou à sua medida (Feather, 1992; Martinez, 1984), mas, sobretudo, à necessidade de explicação da dinâmica dos fenômenos comportamentais (Homer & Kahle, 1988). Especificamente, prima-se pela diferenciação entre o que é importante e secundário para o indivíduo, pois os valores revelam tanto a relação com o comportamento e as opções de vida dos indivíduos quanto a sua preferência no que diz respeito ao que tem ou não valor (Tamayo, 1988). Um valor, como antes sugerido, não diz respeito apenas ao que a pessoa quer para si. Expressa igualmente o que a pessoa deveria querer, ou seja, tem um forte componente de desejabilidade social. Esta característica imprime ao valor a condição de que deva ser justificado diante dos outros, quer *lógica* ou *moralmente* (Formiga, Queiroga & Gouveia,

2001). Além do mais, concebe-se que os valores humanos, como atributos universais, são reconhecidos em todas as pessoas, independentemente da sua cultura de pertença.

O aspecto na natureza motivacional dos valores como elemento central nos diversos modelos, estimulou Gouveia (1998) a rever os estudos em Psicologia que foram realizados até então, identificando os pontos em comum que poderiam ajudar a definir uma tipologia alternativa, a qual será utilizada como base teórica deste estudo. Esta tipologia tem sido proposta a partir da consideração da relação existente entre os valores e as necessidades humanas (Inglehart, 1991; Rokeach, 1973; Schwartz, 1992), sendo além do mais, uma extensão dos modelos propostos por Rokeach, Schwartz, entre outros. A perspectiva tipológica desenvolvida por Gouveia (1998) considera igualmente a noção de valores como construtos latentes, presente em Braithwaite e Law (1985). Os valores humanos são definidos por Gouveia (1998) como *categorias de orientação que são desejáveis, baseadas nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, sendo adotadas por atores sociais. Tais valores apresentam diferentes magnitudes e seus elementos constitutivos podem variar a partir do contexto social ou cultural em que a pessoa está inserida.*

Porém, Gouveia (1998) centrado na Teoria das Necessidades, de Maslow (1954 / 1970), identificou cada um dos valores básicos. Apesar da controvérsia sobre a adequação da hierarquia das necessidades postulada por Maslow (Todt, 1982), há um certo acordo na existência e extensão destas mesmas necessidades (Ronen, 1994). Nesta tipologia não é aceita a hierarquia das necessidades de Maslow, mas a existência do conjunto destas. Neste contexto, Maslow estabeleceu três suposições fundamentais: (1) as necessidades humanas são relativamente universais; (2) elas são neutras ou positivas; e (3) os seres humanos são uma totalidade integrada e organizada.

Além da ênfase dada às necessidades humanas, as quais incluem necessidades fisiológicas, de segurança, de amor, de pertença, necessidade cognitiva, estética, de estima e necessidade de auto-atualização, Maslow também sugere algumas pré-condições para que tais necessidades sejam satisfeitas. Partindo destas considerações, foram identificados os 24 valores básicos, os quais são terminais por natureza; estes expressam princípios-guia, sendo vistos como substantivos (Rohan, 2000; Rokeach, 1973). Servem de categorias transcendentais que guiam as atitudes, as crenças e os comportamentos em situações específicas. Estes 24 valores dão origem a um sistema de valor, apresentando três critérios de orientação, sendo cada um subdividido em seis funções psicossociais, como segue:

Valores Pessoais. As pessoas que normalmente assumem estes valores mantêm relações pessoais contratuais, geralmente procurando obter vantagens / lucros. A pessoa prioriza seus próprios interesses e concedem benefícios sem ter em conta uma referência particular (papel ou estado). Para Rokeach (1973) estes valores são vistos como tendo um foco intrapessoal. Em Schwartz (1994) tais valores atendem a interesses individuais. Considerando a sua função

psicossocial, estes podem ser divididos em: (1) *Valores de Experimentação*: descobrir e apreciar estímulos novos, enfrentar situações arriscadas, e procurar satisfação sexual são aspectos centrais destes valores (*emoção, estimulação, prazer e sexual*); e (2) *Valores de Realização*: além da experimentação de novos estímulos, faz parte do universo desejável dos seres o auto-cumprimento, o sentimento de ser importante e poderoso, ser uma pessoa com identidade e espaço próprios (*autodireção, êxito, poder, prestígio e privacidade*).

Valores Centrais. A expressão “valores centrais” é usada para indicar o caráter central ou adjacente destes valores; eles figuram entre e são compatíveis com os valores *pessoais* e *sociais*, estes tratados a seguir. Em termos da tipologia de Schwartz (1990, 1994), tais valores servem a interesses mistos (individuais e coletivos). Considerando a sua função psicossocial, os valores centrais podem ser divididos em dois grupos de valores: (1) *Valores de Existência*: interessa garantir a própria existência orgânica (*estabilidade pessoal, sobrevivência e saúde*). A ênfase não está na individualidade pessoal, mas na existência do indivíduo. Assim, valores de existência não são incompatíveis com valores *pessoais* e *sociais*, eles são importantes para pessoas, principalmente em ambientes de escassez econômica, mas sem colocar em risco a harmonia social; e (2) *Valores Supra-pessoais*. Pessoas que assumem estes valores tentam atingir seus objetivos independentemente do grupo ou condição social. Tais valores descrevem alguém que é maduro, com preocupações menos materiais, não sendo limitados a características descritivas ou específicas para iniciar uma relação ou promover benefícios (*beleza, justiça social, maturidade e sabedoria*). Estes valores enfatizam a importância de todas as pessoas, não exclusivamente dos indivíduos que compõem o *in-group*, portanto, são compatíveis com valores *pessoais* e *sociais*. Embora Rokeach (1979) use a expressão valores supra-individuais, ele não se refere ao mesmo conteúdo aqui abordado. Espera-se que os tipos motivacionais *segurança e universalismo*, propostos por Schwartz (1992), correlacionem-se com as funções psicossociais *existência e supra-pessoal*, respectivamente.

Valores Sociais. As pessoas que assumem estes valores estão direcionadas para estarem com os outros. No estudo de Rokeach (1973), correspondem a valores de foco interpersonal, e em Schwartz (1994) estão incluídos entre os valores relacionados com os interesses coletivos. Tais valores são assumidos por indivíduos que se comportam como alguém que gosta de ser considerado; que deseja ser aceito e integrado no *in-group*, ou que pretendem manter um nível essencial de harmonia entre atores sociais num contexto específico. Considerando sua função psicossocial, estes podem ser divididos em: (1) *Valores Normativos*: enfatizam a vida social, a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos, a *ordem* é apreciada mais que tudo (*obediência, ordem social, religiosidade e tradição*); e (2) *Valores de Interação*: estes focalizam o destino comum e a complacência,

especificamente, a pessoa que o assume tem interesse em ser amada e ter uma amizade verdadeira, assim como tende a apreciar uma vida social ativa (*afetividade, apoio social, convivência e honestidade*).

Em termos do objetivo central no presente estudo, alguns trabalhos têm apontado respostas quanto a prioridade dos valores em relação ao gênero; apesar de não se concentrar nas perspectivas teóricas que aqui defendo, outras, tem contribuído para compreender tal fenômeno. Por exemplo, a teoria defendida por Schwartz (1994; Schwartz & Bilsky, 1990; 1997) sobre valores, considerando que este construto como conceitos ou crenças, capazes de expressar estados finais de existência ou comportamentos desejáveis, transcendentemente as situações específicas e guias na seleção e avaliação de comportamentos e eventos, classificados a partir de sua importância relativa; isto é, este autor desenvolve um conceito de valores humanos expressos a partir de tipos motivacionais (ver Schwartz, 1992; Schwartz & Bilsky, 1997). Para tanto, Schwartz e Rubel (2005), em um estudo transcultural, observaram que não somente há uma diferença entre os valores em relação ao gênero, mas também, que esta diferença varia em cada cultura. Com isso, segundo esses autores, sem diferenciar as culturas, deram maior importância aos valores de auto-promoção; já para as mulheres, os valores de auto-transcendência foram maior priorizados por elas (ver Feather, 2004)

Struch, Schwartz, Van e Kloot (2002), seguindo semelhante direção do estudo, observou uma identificação hierárquica entre os valores para ambos os gêneros que corresponde em grandes diferenças entre as polarizações valorativas de auto-promoção *versus* auto-transcendência e abertura a mudança *versus* conservadorismo; segundo Struch e cols. (2002) esse fato implica em como homens e mulheres constroem, sócio-cognitivamente, as congruências e conflitos entre os valores priorizados; sendo assim, é bem possível que expectativa-valor nas diferenças de gênero derivou das disposições evolutivas, socialização, normas sociais e contingências de reforçamento quanto a aquisição desses valores na orientação das condutas psicossociais, com isso, parecer ser que os valores são, também, aprendidos (ver Lyons, Duxbury & Higgins, 2005); a partir de uma legitimidade societal? Com isso, o presente estudo tem como objetivo avaliar a diferença entre homens e mulheres brasileiros e os valores humanos básicos.

MÉTODO

Amostra

Participaram da pesquisa 1033 sujeitos, da cidade de Palmas – TO e João Pessoa – PB, entre estudantes dos níveis fundamental, médio e superior, de ambos os gêneros e idade variando de 11 a 74 anos ($M = 21,58$; $DP = 10,39$); a maioria destes eram mulheres (56%). Esta amostra é não probabilística, podendo ser definida como intencional, pois foram consideradas as pessoas que, consultadas, dispuseram-se a colaborar respondendo o questionário que era apresentado, tanto quando aplicado coletivamente, quanto nas ruas das cidades quando abordadas a colaborar.

Instrumentos

Os participantes responderam os seguintes questionários:

Questionário dos Valores Básicos – QVB. Uma versão inicial foi proposta em espanhol e português, compreendendo então 66 itens, três por cada um dos valores básicos que avaliava (Gouveia, 1998). A que será utilizada é mais simples de ser respondida e mais curta; está formada por 24 itens-valores, com dois exemplos que ajudam a entender o seu conteúdo (ver Maia, 2000). Para respondê-los, o participante precisa considerá-los como um *princípio-guia* na sua vida e avaliar o seu grau de importância, tomando como referência uma escala de sete pontos com os seguintes extremos: 1 ‘Nada Importante’ e 7 ‘Muito Importante’; no final também precisa indicar o valor menos e o mais importante de todos, os quais receberão as pontuações 0 e 8, respectivamente.

Caracterização Sócio-Demográfica - Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil, etc.).

Procedimento

Procurou-se definir um mesmo procedimento padrão que consistia em aplicar o QVB, coletivo e individualmente, tanto na cidade de Palmas – TO quanto em João Pessoa - PB. Aplicadores devidamente treinados ficaram responsáveis pela coleta dos dados para ambas as formas de aplicação: seja nas salas de aulas das escolas e universidades, seja, nas ruas aos transeuntes. Para ambas, após conseguir a permissão dos respondentes quando abordados, se

apresentava como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos mesmos no sentido de responderem um questionário breve. Foi-lhes dito que não haviam respostas certas ou erradas, e que respondessem ao mais sincero possível após o aplicador ter finalizado sua afirmativa contida no instrumento; a todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto. Desta forma, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os pesquisadores estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 20 minutos foram suficientes para concluir essa atividade.

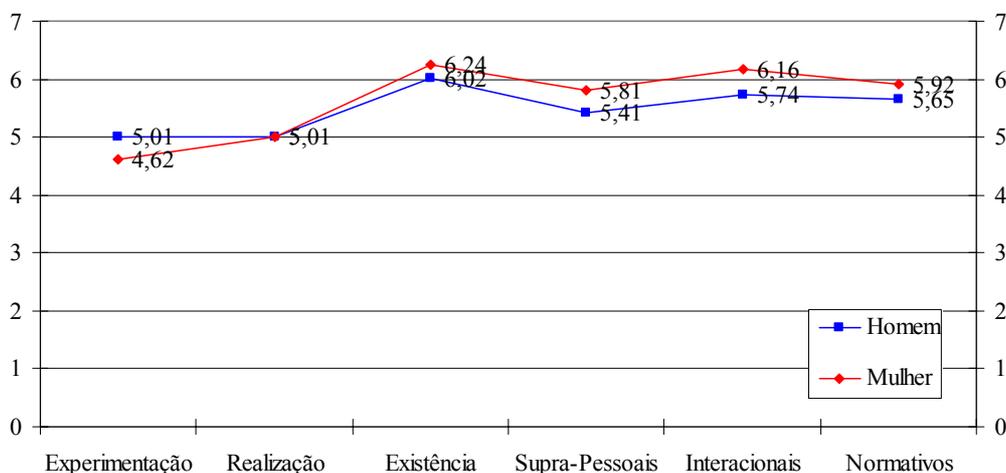
Tabulação e Análise dos Dados

O pacote estatístico *SPSSWIN*, em sua versão 11.0, foi utilizado para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas, bem como os cálculos referentes ao coeficiente de correlação r de Pearson e teste t de *Student*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

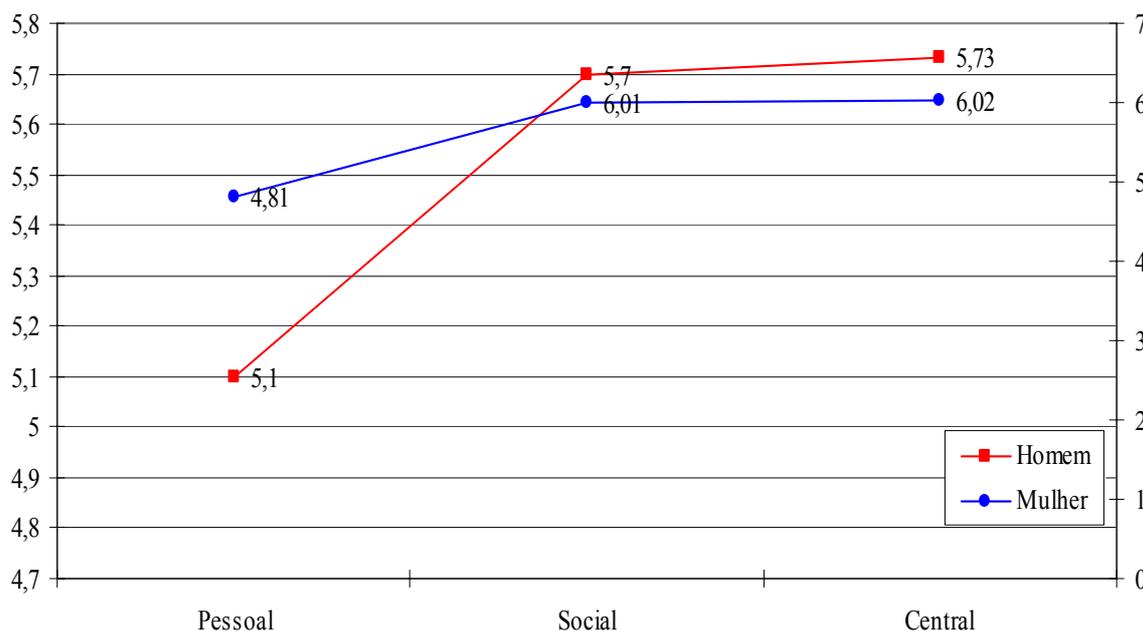
A partir da coleta de dados, a fim de atender o objetivo principal do presente trabalho, efetuou-se o teste t de *Student*, para avaliar a diferença entre as pontuações médias entre homens e mulheres em relação a função psicossocial dos valores humanos e critério de orientação valorativa. Assim, No gráfico 1, pode ser observada a diferença entre homens e mulheres quanto a função psicossocial dos valores: os homens apresentaram uma média superior ($M = 5,01$, $DP = 1,16$) a das mulheres ($M = 4,62$, $DP = 1,06$) em relação a função *Experimentação* (refere-se ao sujeito que visa descobrir e apreciar estímulos novos, enfrentar situações arriscadas, e procurar satisfação sexual são aspectos centrais destes valores) ($t(935) = 5,19$, $p < 0,01$]; no que diz respeito a função *Realização* não houve diferença significativa entre o gênero; quanto a função valorativa *Existência* (diz respeito a pessoa que interessa garantir a própria existência orgânica, importantes, principalmente em ambientes de escassez econômica, mas sem colocar em risco a harmonia social) as mulheres apresentaram uma pontuação média maior ($M = 6,24$, $DP = 0,84$) do que os homens ($M = 6,06$, $DP = 1,01$) [$t(938) = -2,83$, $p < 0,01$]; na função *Suprapessoal* as mulheres pontuaram mais alto ($M = 5,81$, $DP = 0,88$) do que os homens ($M = 5,40$, $DP = 1,00$) [$t(937) = -6,51$, $p < 0,01$]; da mesma forma, foi observado para a função *Interacional* (focalizam o destino comum e a complacência, diz respeito a pessoa que tem interesse em ser amada e ter uma amizade verdadeira, apreciar uma vida social ativa) nesta as mulheres tiveram médias maiores ($M = 6,16$, $DP = 0,80$) do que os homens ($M = 5,74$, $DP = 0,94$) [$t(934) = -5,64$, $p < 0,01$]; também foi possível encontrar médias superiores para as mulheres na função *Normativa* (ênfata a vida social, a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos) ($M = 5,92$, $DP = 1,24$) do que para os homens ($M = 5,65$, $DP = 1,15$) [$t(935) = -3,37$, $p < 0,01$].

Gráfico 1: Diferenças entre homens e mulheres e as funções psicossociais dos valores.



Em relação aos critérios de orientação valorativa, No gráfico abaixo, pode ser observada as pontuações médias entre homens e mulheres e estes critérios valorativos (ver Gráfico 2). Assim, no que diz respeito a orientação *pessoal* (refere-se as pessoas que normalmente assumem mantêm relações pessoais contratuais, geralmente procurando obter vantagens / lucros; prioriza seus próprios interesses e concedem benefícios sem ter em conta uma referência particular) os homens apresentaram uma média superior ($M = 5,10$, $DP = 0,89$) a das mulheres ($M = 4,81$, $DP = 0,86$) [$t(934) = 3,17$, $p < 0,01$]; quanto a orientação *social* (a pessoas que assumem estes valores estão direcionadas para estarem com os outros, tem um foco interpersonal e interesses coletivos; esses valores são assumidos por indivíduos que se comportam como alguém que gosta de ser considerado, deseja ser aceito e integrado no *in-group*, ou que pretendem manter um nível essencial de harmonia entre atores sociais num contexto específico) as mulheres pontuaram mais alto ($M = 6,01$, $DP = 0,82$) do que os homens ($M = 5,70$, $DP = 0,87$) [$t(930) = -5,26$, $p < 0,01$], ocorrendo o mesmo no critério *central* (as mulheres apresentaram médias superiores ($M = 6,02$, $DP = 0,70$) a dos homens ($M = 5,73$, $DP = 0,80$) [$t(937) = -5,83$, $p < 0,01$].

Gráfico 2: Diferença entre homens e mulheres e os critérios de orientação valorativa



A partir desses resultados é possível refletir em direção não somente em como homens e mulheres se orientam normativamente, já que os valores, segundo Rokeach (1973; 1979) tem grande importância para explicar os comportamentos, orientar as escolhas e atitudes humanas, mas que tais orientações valorativas são reorganizadas. O fato no presente estudo está na manutenção valorativa que os homens revelaram manter nas suas orientações sociais, quando apresentaram médias superiores para a função psicossocial experimentação, a qual diz respeito a

descoberta e apreciação de estímulos novos e situações arriscadas, apontando em direção para a permanência de valores individualistas, comprovado, posteriormente, quando se observar a média, na tabela 2, dos critérios de orientação valorativa, onde eles pontuaram, também, mais alto. Porém, em relação as funções psicossociais normativas, interacionais e suprapessoais, estas não apresentarem novidades quanto a pontuação médias delas serem maiores para as mulheres do que para os homens, já que estereotipicamente espera-se que as mulheres seja mais expressivas, sensíveis, sociáveis, etc., podendo pensar que os valores mesmo capazes de orientar as condutas das pessoas, este construto, não é transmitido e socializado no vazio, mas, na dinâmica das relações interpessoais.

Por outro lado, um resultado que não se esperava era que as mulheres tivessem médias mais altas do que os homens para a função de existência e o critério de orientação central, valores esses que em termos de senso comum, corresponderiam aos homens, mas não foi isso que ocorrer; a explicação pode permear as novas perspectivas e buscas psicossociais que as mulheres vem almejando nos mais diversos campos da sociedade: da educação e qualidade profissional a formação intelectual e comportamento político a reorganização sócio-familiar e dedicação afetiva. Essas condições podem contribuir na reflexão dos porquês as mulheres priorizam esses valores, principalmente o critério central, os quais estão próximos aos critérios sociais e pessoais deste construto.

Sendo assim, a maior pontuação neste critério por parte das mulheres, não somente visa refletir as novas exigências sociais, bem como, as orientações valorativas que elas estão atualmente priorizando, podendo pensar numa discreta ação baseado nos valores humanos de forma ambivalente, se por um lado elas buscam e conseguem espaços a partir deste critério valorativo, por outro, elas parecem ter que corresponder a flutuação entre se orientar sobre valores sociais e centrais, quase ao mesmo tempo, por exemplo, trabalham muitas horas lutando para ascenderem sócio-profissionalmente e tem que correr para casa para atender afetiva e domesticamente, a estrutura e funcionalidade familiar. Nessa direção é de grande contribuição o trabalho de Possatti e Dias (2002) em termos do bem-estar psicológico; para esses autores, as recompensas a partir de autonomia no trabalho e autoridade de decisão são capazes de explicar não apenas a organização psicológica saudável das mulheres quanto a satisfação interna em suas relação íntimas, não se trata apenas de orientar-se como uma pessoa madura, pretendendo garantir a própria vida, porem, valorizando as pessoas intra-grupo extra-grupo.

Com base no conceito de valores aqui apresentado; a titulo de lembrança esse construto foi denominado *como categorias de orientação que são desejáveis, baseadas nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, sendo adotadas por atores sociais. Tais valores apresentam diferentes magnitudes e seus elementos constitutivos podem variar a partir do contexto social ou cultural em que a pessoa está inserida* (ver Gouveia, 1998), é possível refletir nas diferenças entre as médias de homens e mulheres, não somente na direção das condições hormonais, psicológicas, sociológicas, etc., mas, considerar que essas diferenças são mais

complexas estão inseridas nas orientações normativas das escolhas e atitudes humanas e sua reorganização psicossocial (ver Rokeach, 1973; 1979) no mundo em que vivem, sendo assim, constroem socialmente uma realidade pertencente ao social.

Ao prestarmos atenção a esse conceito de valores, não se aponta apenas para os valores como orientação, mas também, que este construto provavelmente poderá ser desejado por cada gênero, a partir justamente, do que cada um deles venha tomar como condição urgente para suas vidas, e mais, que ao se orientar por esses valores deverá haver condições psicossociais suficientes para que qualquer orientação valorativa seja satisfeita, quando as pessoas passam a representar em ação, sócio-cognitivamente, condutas sociais. Neste caso, considerando os resultados dos gráficos expostos no presente trabalho, observou-se não somente o que os valores que, hipoteticamente, esperava-se que os homens pontuassem médias mais altas, configurando o que se refletiu no início desse parágrafo; com isso, tanto a função psicossocial de *experimentação* quanto o critério *pessoal* dos valores, além de ser uma orientação valorativa que, individual e coletivamente, na dinâmica intergrupar não somente espera-se dos homens, mas que, essa própria orientação é apresentada como uma condição passível para que o homem assim passe a atuar. Sendo assim, parece que nessas orientações, isto ocorre inversamente, por exemplo, sempre se acredita que as mulheres são mais expressivas e destinadas ao lar e maternidade, etc., pode até ser, principalmente quando se considera os valores em que elas se orientam, isto é, aqueles que refletem gruparidade, tradição, amizade, amor, etc.

O fato está, quando não somente os resultados de uma pesquisa, mas a realidade, apresenta uma outra configuração, mesmos que numa leve mudança nas condutas do grupo minoritário. Mais do que observar que os critérios de orientação de *existência* e *suprapessoal* revelem uma diferença atual quanto aos valores de homens e mulheres na sociedade, permite pensar na possível condição que a dinâmica intergrupar vem oferecendo como pré-condição para satisfazer as necessidades básicas das mulheres em sua orientação valorativa, seja nas condutas mais individuais, por exemplo, a sexualidade, profissão, etc., seja nas coletivas, família, lazer, etc. Seria então necessário fazer uma leitura desses resultados a luz das teorias pós-modernas? Ou, sobre essas orientações valorativas, que ambos os gêneros adotam não estariam deflagrando uma sutil condição a permissividade do que as mulheres devem e querem fazer, encobrando a exigência real delas? Por fim, espera-se que esses resultados não somente tenha atendido aos seus objetivos principais, mas, que contribuía nas reflexões quanto aos direitos e deveres de homens e mulheres frente a equidade psicossocial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Archier, J. (1996). Sex differences. Em A. S. R. Manstead & M. Hewstone (Eds.), The blackwell encyclopedia of social psychology (pp. 520-524). Oxford: Blackwell Publishers.

Borelli, A. (1998). Gênero: Desafios e perspectiva. Revista Unicsul, 4, 79-84.

Braithwaite, V. A.; Law, H. G. (1985). Structure of human values: Testing the adequacy of the Rokeach Value Survey. Journal of Personality and Social Psychology, 49, 250-263.

D'Amorim, M. A. (1997). Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. Temas em Psicologia, 3, 121-134.

Expósito, F., Moya, M. C., & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. Revista de Psicología Social, 13, 159-169.

Feather, N. T. (1992). Values, valences, expectations, and actions. Journal of Social Issues, 48, 109-124.

Feather, N. T. (2004). Values correlates of ambivalent toward gender relations. Personality and social psychology bulletin, 30, 3-12.

Formiga, N. S., Queiroga, F. & Gouveia, V. V. Indicadores do bom estudante: Sua explicação a partir dos valores humanos. Revista Aletheia, 13, 63-73. 2001

Fraisse, G. (1991). Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. Em G. Duby & M. Perrot (Org.), História das mulheres no Ocidente. Século XIX. pp. 59-96. Porto, Portugal: Afrontamento.

Gouveia, V.V. (1998). La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia, Universidade Complutense de Madri, Espanha.

Gusmão, E. E. S., Jesus, G. R., Gouveia, V. V. Júnior, J. N. & Queiroga, F. (2001). Interdependência social e orientações valorativas em adolescentes. Revista Psico, 32, 23-37.

Homer, P. M. & Kahle, L. R. (1988). A structural equation test of the value-attitude-behavior hierarchy. Journal personality and social psychology, 54, 638-646.

Inglehart, R. (1991). El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas / Siglo XXI Editores.

Kluckhohn, C. (1951 / 1968). Values and value orientations in the theory of action. In T. Parsons & E. Shils (Eds.), Toward a general theory of action (pp. 388-433). Cambridge, MA: Harvard University Press.

Lyons, S.; Duxbury, L. & Higgins, C. (2005). Are gender differences in basic human values a generational phenomenon? Sex roles, 53 (9-10), 763-778.

Maia, L. M. V. (2000). Prioridades valorativas e desenvolvimento moral: Considerações acerca de uma teoria dos valores humanos. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Martinez, G. S. Problemática psicossocial de los valores humanos. Cátedra de Psicología Social y de Personalidad, 3, 9-46. 1984.

Maslow, A. H. (1954 / 1970). Motivation and personality. New York: Harper & Row Publishers.

Mosquera, J. J. M. O humano: Uma antropologia psicológica. Porto Alegre, RS: Sulina. 1975.

Possatti, I. C. & Dias, M. R. (2002). Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar. Psicologia: Reflexão e Crítica, 15 (2), 293-301.

Radice, J. (1987). Papéis sexuais no Nordeste do Brasil: Sua desejabilidade e possíveis conseqüências para a auto-realização da mulher. Revista de Psicologia, 5, 93-103.

Rohan, M. J. A rose by any name? The values construct. Personality and Social Psychology Review, 4, 255-277. 2000.

Rokeach, M. (1973). The nature of human values. New York: Free Press.

Rokeach, M. (1979). Introduction. Em M. Rokeach (Ed.), Understanding human values: Individual and societal (pp. 1-11). New York: The Free Press.

Ronen, S. (1994). An underlying structure of motivational need taxonomies: A cross-cultural confirmation. Em: H. C. Triandis; M. D. Dunnette; L. M. Hough (Eds.), Handbook of industrial and organizational psychology, vol. 4 (pp. 241-269). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.

Schwartz, S. H. & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. Journal of Personality and Social Psychology, 58, 878-891.

Schwartz, S. H. & Bilsky, W. (1997). Toward an universal psychological structure of human values. Journal of Personality and Social Psychology, 53, 550-562.

Schwartz, S. H. & Rubel, T. (2005). Sex differences in values priorities: Cross-cultural and multimethod studies. Journal of Personality and Social Psychology, 86,(6), 1010-1028.

Schwartz, S. H. (1990). Individualism-collectivism: Critique and proposed refinements. Journal of Cross-Cultural Psychology, 21, 139-157.

Schwartz, S. H. (1992). Universals in the context and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. Em: M. Zanna (Ed.), Advances in experimental social psychology, vol. 25 (pp. 1-65). Orlando, FL: Academic Press.

Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? Journal of Social Issues, 50, 19-45.

Schwartz, S.H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? Journal of Social Issues, 50, 19-45.

Souza, M. A., & Ferreira, M.A.C. (1997). Identidade de gênero masculina em civis e militares. Psicologia: Reflexão e Crítica, 10, 301-314

Struch, N.; Schwartz, S. H. & Kloot, W. A. (2002). Meanings of basic values for woman and men: A cross-cultural analysis. Personality and social psychology bulletin, 28 (1), 16-28.

Tamayo, A. & Schwartz, S. H. (1993). Estrutura motivacional dos valores humanos. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 9, 329-348. 1993.

Tamayo, A. (1988). Influência do sexo e da idade sobre o sistema de valores. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 40, 91-104.